

ISABEL QUEIROZ*

Se em algum momento, os azulejos foram apenas associados a cozinhas e banheiros de outras décadas, hoje eles passam a ocupar lugar de destaque no design de interiores. E não apenas vistos como revestimento funcional, além disso, eles aparecem com nova leitura, dialogando com propostas contemporâneas e assumindo papel estético nos projetos. Padrões geométricos, cores inspiradas nos anos 50 e 70 e paginações diferentes revelam formas que eles retorna como uma releitura criativa.

Para Thaís Macambira, arquiteta e urbanista, mestra e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, o diálogo entre passado e presente acontece a partir do equilíbrio: “Eu acho que esse diálogo acontece quando a gente consegue trazer um equilíbrio entre referências que são antigas para a linguagem atual. Se eu pego um padrão geométrico vintage, como o losango, e uso em uma escala maior, com uma paleta reduzida, como preto e branco, terracota ou off-white, e combino com mobiliário mais moderno, concreto ou metal, eu equilibro o protagonismo desse azulejo com o restante do ambiente”.

“Vejo muito como uma tendência ligada ao resgate afetivo e à valorização da identidade e do artesanal. Antigamente os azulejos eram vistos como um revestimento mais frio, algo antigo, hoje são encarados como elementos nostálgicos, quase peças de arte”, diz. A liberdade de aplicação é outra mudança significativa. “Hoje não precisamos usar o azulejo em uma parede inteira, podemos criar painéis, molduras, combinar padrões diferentes e usar de forma mais estratégica e pontual, considerando pertencimento e identidade”, afirma Thaís.

Tatiana Seixas, profissional com foco em arquitetura afetiva, percebe que esse movimento ganhou força após a pandemia. “As pessoas ficaram muito tempo em casa e perceberam que ela precisa ter essa atmosfera acolhedora, que abraça. Esses azulejos retrô, os ladrilhos hidráulicos, trazem essa sensação de acolhimento e remetem muito à casa de vó”, destaca a arquiteta. Para ela, o uso contemporâneo acontece a partir da mistura entre técnicas atuais e referências antigas: “A inspiração do passado não é uma cópia, a gente traz novas cores, novos materiais, novas paginações. Tons mais pastéis e acinzentados ajudam a harmonizar com o olhar de hoje”.

Tradição e inovação

A arquiteta reforça que o equilíbrio entre tradição e inovação passa pelo entendimento da história de cada cliente. “Eu busco entender a memória e as lembranças boas de cada pessoa. Já tive uma cliente que lembrava muito do piso vermelho da casa da avó. Trouxemos um revestimento em terracota para a área externa dela, não era o mesmo piso, mas quando ela viu o projeto se emocionou, porque remeteu àquela memória. É a mistura de contemporaneidade com tradição que buscamos”.

Giovanna Demarchi, sócia de Miusha Souza, da Maré Arquitetos, explica que assim como na moda, a arquitetura também se move em ciclos: “Hoje, o retorno do retrô está muito ligado a uma busca por identidade e afetividade nos espaços. Referências de décadas diferentes, como anos 50 e 70, aparecem combinadas de forma intencional, e os materiais surgem com novas proporções, acabamentos e cores mais atuais. Os azulejos mantêm a essência histórica, mas dialogam com a linguagem contemporânea. Portanto, não se trata apenas de nostalgia, e sim de uma reinterpretação que adiciona profundidade, per-

Azulejos voltam com novas cores e padrões

DECORAÇÃO Eles agora não são apenas vistos como revestimentos e aparecem com leitura contemporânea



Thaís Macambira vê os azulejos como um resgate afetivo

Carol Barreto / Divulgação

“A gente traz novas cores, novos materiais, novas paginações”

TATIANA SEIXAS, arquiteta

sonalidade e significado aos projetos”.

“A ideia não é criar um falso histórico, mas inserir essas referências de forma renovada e sensível. Uma das estratégias mais eficazes é usar o azulejo como elemento de destaque. Em cozinhas, por exemplo, o contraste entre um padrão de inspiração antiga e marcenárias de linhas retas cria

um diálogo interessante entre passado e presente. Outra forma de atualização está nas cores e acabamentos, tons inspirados em paletas antigas aparecem menos saturados, e superfícies acetinadas ou foscas trazem uma leitura mais contemporânea. Assim, mesmo com referência histórica, o resultado é atemporal”, explica Giovanna.

Miusha complementa: “Na cozinha, podem aparecer no piso ou na área sobre as bancadas, unindo função e identidade visual. Banheiros e lavabos são cenários ideais, porque a escala permite ousar mais sem sobrecarregar o ambiente. A referência aos banheiros antigos ganha uma leitura atual quando combinada com louças, metais e iluminação contemporâneos”.

A arquiteta reforça que o uso não precisa se limitar às áreas molhadas, “os azulejos também funcionam muito bem em painéis, fundos de estantes, áreas de bar ou até como elemento artístico, sempre que a intenção for criar um ponto de interesse e narrativa dentro do espaço”. Assim, o design contemporâneo encontra na estética retrô uma forma de construir espaços com memória, personalidade e significado. E os azulejos, além de serem revestimentos funcionais, assumem um papel afetivo e de identidade.

*SOB SUPERVISÃO DA EDITORA CASSANDRA BARTELO



Arquivo pessoal / Divulgação

Tatiana Seixas diz que azulejos ‘trazem acolhimento’...



Arquivo pessoal / Divulgação

... e que a inspiração no passado não significa copiar



Arquivo pessoal / Divulgação

Projeto de Giovanna Demarchi e Miusha Souza reforça que a essência é histórica



Um convite para pensar a cidade verde



A Bahia é um estado de grande riqueza cultural e belezas naturais. Mas é na biodiversidade que ele mostra o quanto é privilegiado Segundo o botânico e paisagista Ricardo Cardim, que esteve essa semana em Salvador para um lançamento imobiliário, as florestas baianas são capazes de abrigar até 144 espécies por mil metros quadrados. Para termos uma ideia de como isso é representativo, na Europa apenas 5% das florestas possuem mais de 6 espécies por mil metros quadrados. Essa riqueza absoluta tem um fator bastante favorável para pensarmos as cidades verdes, promovendo um ambiente restaurador e com mais qualidade de vida.

Empreendimentos baianos já começam a colocar no conceito de seus projetos a biofilia, trazendo como eixo central a conexão profunda com a natureza. Mas não basta apenas incluir o verde. Ricardo Cardim evidencia a importância da escolha de espécies nativas, em detrimento das espécies estrangeiras, que hoje representam cerca de 90% do paisagismo no Brasil. A origem disso remonta ao século XIX, quando as cidades começaram a copiar a arquitetura europeia e trouxe também espécies vegetais de países estrangeiros. Hoje, temos o dever social e ambiental de resgatar as espécies nativas e trazê-las de volta para a convivência dos brasileiros. O paisagismo é uma das chaves remanescentes da nossa preservação cultural.

Cardim traz o conceito inovador de “floresta de bolso”, uma técnica de restauração da Mata Atlântica que resgata a biodiversidade de maneira sutil e eficaz. Essa abordagem promove uma dinâmica de cooperação entre as espécies, permitindo que elas se desenvolvam em um ambiente que simula a complexidade natural das florestas tropicais. Em um contexto urbano, essa técnica se revela uma solução viável e de rápida implementação para a construção das cidades verdes.

A partir de áreas pequenas, com o mínimo de 50 metros quadrados, é possível implementar a técnica da floresta de bolso e contribuir, junto com outras ações sustentáveis, a exemplo das técnicas construtivas com menor emissão de CO2, para a biodiversidade. A arborização planejada pode regular a temperatura da cidade, criando microclimas mais agradáveis e promovendo uma atmosfera mais acolhedora.

Além de seus benefícios ambientais, a presença de árvores impacta diretamente a saúde mental e física de quem nela vive. Ambientes verdes estão associados a uma diminuição do estresse e a uma melhoria significativa na qualidade de vida. Espaços arborizados incentivam a convivência social, transformando a cidade em um palco de interações humanas e experiências enriquecedoras. Assim, investir em arborização é, na verdade, investir no bem-estar da comunidade.

Empreendimentos que incorporam a floresta de bolso em seus projetos não apenas se destacam pela sua responsabilidade ambiental, mas também se tornam protagonistas na construção de uma cidade mais resiliente. A integração de espécies nativas traz beleza, qualidade de vida e é uma declaração de compromisso com o futuro sustentável.

A visita de Ricardo Cardim a Salvador é um convite para pensar as cidades baianas que queremos e moldar, onde a natureza e a cidade coexistem em harmonia, proporcionando qualidade de vida e saúde para as pessoas.

União que gera sustentabilidade.

Cláudio Cunha
PRESIDENTE DA ADEMI-BA

Rua Alceu Amoroso Lima, 470, Sala 901. Empresarial Niemeyer
Caminho das Árvores - Salvador - BA

3273-8130 ademi@ademi-ba.com.br @ademi.ba

@Ademiba Ademi - BA Ademicast @ademi_ba